



FSH – FACULDADE SANTA HELENA

**IDENTIDADE E CULTURA SURDAS: ASPECTOS CONTEMPLADOS
NOS CURRÍCULOS ESCOLARES?**

MONICA PACHECO

Recife

2009

FSH – FACULDADE SANTA HELENA

**IDENTIDADE E CULTURA SURDAS: ASPECTOS CONTEMPLADOS
NOS CURRÍCULOS ESCOLARES?**

MONICA PACHECO

Monografia apresentada à Faculdade Santa Helena destinada a obtenção do título de especialista em Educação Especial: Estudos Surdos, tendo como Orientadora a Prof^a. Mestra Úrsula Gusmão.

RECIFE

2009

IDENTIDADE E CULTURA SURDA: ASPECTOS CONTEMPLADOS NOS CURRÍCULOS ESCOLARES?

MONICA PACHECO

ORIENTADORA: PROF^a. MS. ÚRSULA GUSMÃO

Monografia submetida ao corpo docente do curso de Especialização em Estudos Surdos – Cultura e Identidade, da Faculdade Santa Helena, em parceria com o Centro Suvag de Pernambuco, como requisito necessário para a conclusão do curso.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ms. Maria Izabel de Melo Monteiro

Prof^a Ms. Zélia Maria Luna Freire da Fonte

RECIFE

2009

Dedico este trabalho aos surdos que atravessaram meu caminho e que hoje me maravilham com sua persistência em lutar e se firmar como sujeitos diferentes e cheios de possibilidades na magia de suas mãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pela sintonia em todos os momentos.

À coordenação e aos professores que ministraram esse curso de pós-graduação em Estudos Surdos, por terem apostado em nós, nos proporcionando a oportunidade de chegarmos até aqui.

Às minhas colegas do grupo de orientação, que sonharam, choraram, se preocuparam juntas e por não desistirmos, pois amparamos umas as outras, sempre.

A meus queridos alunos e amigos surdos, que me fazem aprender a cada instante, que têm a paciência do tamanho do mundo com meus erros, impaciências e às vezes, maus-humores.

À minha querida orientadora que, com sua competência, meiguice e carinho, soube ser firme a toda hora, mas sem deixar de ser amiga, orientadora, professora, companheira, nesse processo de erros e acertos, que é ver nascer uma monografia.

A meus amigos do/no caminho, que mesmo sem estarem sabendo tanto do meu corre-corre, me abraçaram com sua energia boa para me refazer na caminhada.

À minha querida “irmã” Cláudia Castro, que com sua competência e sensibilidade fez, não apenas a correção gramatical desse trabalho, mas soube mergulhar nesse universo surdo, dando-me maravilhosas sugestões para que tudo ficasse ainda melhor.

À minha amiga-irmã e de “quebra” minha psicóloga particular, Magalí Barbosa, pela paciência em ouvir minhas inseguranças, por não acreditar quando eu pensava que não conseguiria, por me dar o ombro a toda hora.

A meus pais que suportaram carinhosamente minhas ausências e pressas no dia-a-dia, vendo-os tão pouco e mesmo assim, apostando em meus acertos sempre.

E o meu amado filho, que soube brincar com minha concentração quando a tensão batia em minha porta, aceitou tantos “sumiços” presentes, quando meus olhos só eram para ler e escrever, que me deu força, do jeito dele, para que as coisas dessem certo.

Obrigada a todos!

“Ao invés de colocar luzes fortes nos olhos dos cegos e cones alto-falantes nos ouvidos dos surdos, os educadores deveriam dar atenção aos canais sensoriais abertos ao aprendizado.”

Owen Wrigley

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
MATERIAL E MÉTODO	28
ANÁLISE E DISCUSSÃO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXOS	52

RESUMO

O presente trabalho apresenta resultados da análise da pesquisa intitulada **Figurações culturais – surdos na contemporaneidade**, visando aos aspectos dos currículos, em relação à cultura e identidade surdas. Essa análise buscou trazer algumas reflexões para o currículo escolar dos surdos, ajudando profissionais que estão nesse contato educacional, a conhecer e entender a importância dessa identidade e cultura para o desenvolvimento dos surdos seja ela pessoal ou pedagógica. A fundamentação teórica foi baseada no campo de estudos chamado Estudos Surdos e em estudiosos do currículo surdo e da cultura e identidade surdas. O objetivo principal do estudo foi observar se o currículo nas escolas tem contemplado os aspectos de identidade e cultura surdas, bem como o surdo se vê em relação a essa identidade e cultura. A análise mostrou o quanto as escolas ainda não investem num currículo próprio para os surdos, não se utilizando de seus artefatos culturais para valorizar e propiciar a identidade e cultura surdas. Dessa maneira, permanecem num jogo de estagnação, no qual os surdos continuam vinculados à um currículo ouvintista.

Palavras-chave: Identidade. Cultura Surda. Currículo Surdo. Artefatos Culturais.

ABSTRACT

The present work shows the result of the analysis of the intitled research Cultural traces: the deaf community in the contemporary world, aiming at the aspects of the resumes, in relation of the deaf culture and its identity. This analysis searched to bring some reflections for the pertaining to school resume of the deaf people, helping the professionals that they are in the educational contact, to know and to understand the importance of this identity and culture for the development of the deaf people, either personal or pedagogical. The base theoretical of the study was formulated on the field of studies called studios of Deaf Studies and on the deaf curriculum and the deaf culture and identity. The main objective of the study was to observe if the curriculum in the schools has contemplated all the aspects of deaf identity and culture and as the deaf person if he/she sees himself/herself in relation to this identity and culture. The analysis presented as much as the schools have not invested in a proper curriculum for the deaf people yet, unless using of the cultural artifacts to value and to render favourable the deaf identity and culture. In this way, the deaf remains in a nation game, where the deaf continues entailed to a listener resume.

keywords: Identity. Deaf Culture. Deaf Resume. Culture Artifact.

INTRODUÇÃO

Muito se pensa, se fala, se conjectura sobre o sujeito surdo cidadão, o sujeito surdo escolar. Muito também se cobra desse sujeito, olhando-se suas possibilidades e querendo que ele dê conta do que está ao seu redor, através da visão do ouvinte, ou seja, o mundo de um outro. Muito também se nega a esse cidadão surdo, impondo-lhe formas e fôrmas para “discipliná-lo”. Mas, como dar cabo dessas exigências, se o universo que o rodeia não respeita ou mesmo vê esse indivíduo-cidadão, com suas inúmeras potencialidades, como ele realmente é?

A escola, como um universo que possibilita essas formas de olhar, também se insere no mundo homogêneo dos ouvintes. E com isso, impede que esse sujeito surdo se veja com possibilidades inerentes à sua diferença. É um estranho no ninho. Deslizando em “solo” alheio, sendo guiado por ouvintes que conhecem o próprio caminho e pensam que esse mesmo, é de igual serventia para o surdo.

Diante disso, como refazer esse currículo escolar para que, desde cedo, o surdo possa se ver como um sujeito de características próprias, com percepção e inteligência visual?

Essa monografia tem como proposta observar e analisar algumas questões a respeito desse currículo. As escolas têm contemplado em seus currículos os aspectos de identidade e culturas surdas? Como o surdo se vê em relação a sua identidade e cultura? Os artefatos culturais, próprios da cultura surda, estão sendo trabalhados no ambiente escolar?

Para isso, esse trabalho está dividido em quatro capítulos.

No 1º capítulo, revisão de literatura, será realizada uma explanação geral do que já se conhece na literatura a respeito da cultura e identidades surdas, para que o leitor possa se posicionar nesse universo visual.

O 2º capítulo refere-se ao material e método que foi utilizado para atingir os objetivos desse estudo.

O 3º capítulo discorrerá numa análise dos aspectos da identidade e cultura surdas, para construção de um currículo. Dados esses provenientes da pesquisa **Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade**.

E no 4º e último capítulo, as considerações finais sobre o que foi pesquisado e analisado sobre a identidade e cultura surdas dentro dos currículos escolares.

Dessa maneira, busca-se situar o leitor nesse mundo surdo, onde ele se constitui como indivíduo, e assim compreender, o quanto a construção de uma cultura e identidades próprias para eles é uma questão de existência em si. Se para nós, ouvintes, é algo óbvio e inquestionável, por que para os surdos essa evidência desaparece?

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo de décadas o surdo vem tentando se firmar como cidadão, em uma sociedade que não dá chances aos diferentes. Durante esse tempo, sofrimentos e angústias marcaram a vida desses sujeitos, inviabilizando muitas vezes, o seu processo de “criação” de uma identidade cultural surda. Pois como afirma Perlin (2001), identidade cultural é um conjunto de características que definem um grupo e que incidem na construção do sujeito, identificando ou excluindo-os. Diante disso, as identidades vão sendo elaboradas e firmadas, sejam de forma positiva ou negativa. A construção dessa identidade surda leva o surdo a lutar para se firmar em meio ao ouvintismo¹, que ainda insiste em não vê-los como diferentes, mas deficientes.

Para o sujeito surdo, criar sua identidade não é algo fácil, pois como afirma Cromack, 2004:

O sujeito surdo transita entre duas culturas, a surda e a ouvinte; no entanto, sua identidade se constitui com a consciência de ser definitivamente diferente por necessitar de recursos completamente visuais. Essa oscilação entre os surdos e os ouvintes faz com que o sujeito surdo constitua, por vezes, sua identidade de forma fragmentada. (p.01)

Para se construir uma identidade é necessário conhecer-se, construindo e desconstruindo-se a cada momento. Ela é um fenômeno dinâmico e social, envolvendo experiências sociais e modos de comunicação. Estar ligado a um grupo social, com intenção de pertencimento, com uma linguagem própria, é de suma importância para que o indivíduo se constitua como sujeito.

Dessa forma, essas identidades tornam-se bastante diversificadas e complexas, pois elas não são estáveis, estão em contínua mudança. Devido a isso, Perlin (2001) classifica as identidades surdas da seguinte forma: identidades surdas políticas, identidades surdas híbridas, identidade surda de transição, identidade

¹ Ouvintismo é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. Skliar 2001 – p.15.

surda intermediária, identidade surda flutuante, identidade surda embaçada e identidade surda de diáspora. Cada uma delas com uma característica própria.

Os surdos que tem uma **identidade surda política**, são aqueles que estão envolvidos em lutas políticas de forma muito forte. São surdos que pertencem efetivamente à comunidade surda.

Os surdos que se caracterizam por possuírem **identidades híbridas**, são os que nasceram ouvintes e devido algum problema ficaram surdos. Dependendo da época em que isso acontece, a pessoa conhecerá bem a estrutura do português falado.

Os surdos com **identidade flutuante** são os que não têm contato com a comunidade surda. Por conta disso, invariavelmente, seguem a representação da identidade ouvinte.

Os surdos com **identidade surda embaçada** são aqueles que têm representações estereotipadas da surdez ou desconhecem a surdez como questão cultural. Assim, esses surdos nem conseguem perceber as identidades dos ouvintes nem conseguem compreender a fala. Eles não usam a língua de sinais, pois não foi ensinado a eles, nem tão pouco tiveram contato com a mesma.

Os sujeitos surdos que tem **identidade surda de transição** foram mantidos sob “o cativeiro da hegemônica representação da identidade ouvinte” e que vão para a comunidade surda. Transição é o momento dessa passagem do mundo ouvinte com identidade ouvinte, para identidade surda. No momento em que esse contato com a comunidade surda acontece, “eles passam pela des-ouvintização da representação da identidade”. Mas, apesar dessa des-ouvintização, os surdos ficam com seqüelas.

Os surdos com **identidade surda de diásporas** são os que saem de um país para outro, de um estado para outro ou ainda de um grupo surdo para outro.

Já os surdos com **identidade surda intermediária**, são aqueles identificados como surdo, porém eles não estão completamente inseridos na experiência visual. Eles têm um percentual de surdez, mas têm uma vida de ouvinte, por isso dão tamanha importância aos aparelhos auditivos.

Sendo assim, para criarem a identidade surda é de suma importância estar convivendo com seus pares, porém, na grande maioria das vezes, o sujeito surdo passa muito tempo longe de um convívio com outros surdos, visto que de uma

maneira geral, são filhos de pais ouvintes, e por isso a língua de sinais (LS) chega tarde ao seu universo. Dessa forma, a construção de sua identidade surda tende a sofrer um atraso.

Dalcin (2005), em sua pesquisa, ao analisar discursos de sujeitos surdos, identificou que eles relatam que existe uma linha divisória entre o antes e o depois do encontro com a comunidade surda e a LS, “o antes é descrito como um período marcado pelo sofrimento, isolamento e alienação... o depois passa a ser caracterizado por um momento repleto de alegria, encontros agradáveis, de abertura para a vida.” (p.192)

Esse sujeito surdo possui inúmeras potencialidades, mas vive num ambiente onde existem pessoas que estão sempre comparado-os com os ouvintes, daí o jargão “você não pode, você não é capaz” é criado a todo o momento por esse mundo ouvintista. Como diz Cromark (2004), “o surdo se constitui dentro de um espaço social onde se vê como parte diferente. Esse espaço social, que vamos chamar de cultura ouvinte, criou, historicamente, um estereótipo de incapacidade, de deficiência, para o surdo.” Perlin (2001) ainda enfatiza que:

O indivíduo surdo faz parte dos movimentos marginalizados. Qualquer comportamento negativo de sua parte provoca distorções e estereótipos dentro de uma situação de dominação. [...] O surdo foi acumulando estereótipos que tem reforçado cada vez mais a hegemonia discriminatória de sua produção cultural. O discurso do poder do ouvinte mantém-se firme e controla estes estereótipos. (p. 55)

A escola, como um grande centro de interação entre as diversas comunidades, torna-se um meio propício para que o surdo se relacione, porém o que é próprio da cultura surda acaba sendo suplantado pela cultura majoritária - a ouvintista. Diante disso, vale uma reflexão: como o ambiente escolar pode promover a construção de uma identidade surda? Numa proposta inclusiva, Santos (2008) afirma que “O maior impasse é que nesse contexto, os alunos surdos não poderão construir sua identidade surda, porque eles estão no meio de colegas ouvintes, diretores ouvintes, coordenadores ouvintes e professores ouvintes.” (p. 07)

Como bem reforça Sá (2006), as escolas ainda não conseguiram ser instituições onde podemos encontrar a democracia em sua forma plena; nelas “os significados culturais” vão estar sendo organizados e hierarquizados de maneira a beneficiar a cultura dominante, “mesmo que o discurso básico seja outro.” Pois, como ressalta Santos, 2008 (apud Soares e Lacerda, 2004), essa escola não está

organizada pedagogicamente para entender a surdez e sua complexidade, e dessa forma não atende as necessidades dos surdos. Querer que o surdo seja um ouvinte não é justo, o surdo é um sujeito surdo e a escola precisa compreender essa questão, (Perlin, 2001).

Nesse ambiente escolar, existem diversas culturas, as quais também estão inseridas no mundo e que precisam estar sendo respeitadas em suas peculiaridades. Não se pode ter um olhar único para todos. Pois, olhando atentamente, se observará que a homogeneidade é ilusória, pois as diferenças palpitam em cada esquina, o multiculturalismo se estabelece a cada instante. Percebendo-se tal fato, era de se esperar que a cultura do poder se dissolvesse, mas não é o que ocorre. Zizek, 1998 (apud Sá 2006) então questiona: “Será o multiculturalismo uma maneira elegante que a modernidade desenvolveu para confessar sua brutalidade colonial?” Pois, o autor entende que esse multiculturalismo é “uma forma de racismo negada, invertida”, pois respeita o outro em sua comunidade própria, mas mantém uma distância, estando de fora, como uma posição privilegiada, “daquele que olha de fora (ou do alto)”. (p. 58)

Então, como entender esse multiculturalismo? Como saber onde buscá-lo ou como perceber onde ele permeia? Talvez, buscando entender o seu significado ajude a compreender como ele se associa a cultura surda.

Santos (2008) conceitua multiculturalismo como: “um movimento que combate as manifestações que defendem uma sociedade homogênea.” (p. 02). Tem como meta principal respeitar as diferentes classes sociais, nas quais estão inseridas na sociedade.

Ribeiro (2009) ainda destaca que:

O multiculturalismo coloca o reconhecimento da diferença, o direito à diferença como dilema nas sociedades multiculturais. Mais do que isso, evidencia formas diversas de constituição de subjetividades, possibilitando, organizando e determinando grupos sociais. (p. 08)

Com isso, Skiliar 1998 (apud Sá 2002), nos leva a pensar a surdez sendo construída em diferentes concepções de multiculturalismo. Ele cita quatro tipos, que seriam:

a) **uma concepção conservadora** – “quando o termo *diversidade* encobre a ideologia da dominação.”

- b) **concepção humanista ou liberal** – quando se acha que a escola deva e precise retirar todas as diferenças, pois as mesmas seriam olhadas de forma negativa.
- c) **concepção progressista** – “aceita-se a diferença, mas como essência”, vendo o surdo como ser consciente e ativista, mas não validando o que sustenta esse sujeito verdadeiro, a sua história e cultura própria.
- d) **concepção crítica** – ratifica sempre que a língua e as representações são imprescindíveis para que a cultura e identidades se estabeleçam.

Diante de tais concepções, Ribeiro (2009) leva-nos a pensar: esse multiculturalismo na surdez diz respeito apenas à relação de “aceitação” da sociedade para com o Surdo? Ou, dentro da própria Comunidade Surda “iremos encontrar vestígios dessa bricolagem lingüístico-cultural?”

É fato, que esse multiculturalismo surge também dentro da própria comunidade surda, visto que a mesma não é homogênea, pois ainda segundo Ribeiro (2009), a comunidade surda não é um grupo único, homogêneo, que irá ter uma única voz. Existem vários surdos que não se aceitam como tal, nem tampouco se vêem como diferentes. Sendo assim, não fazendo parte da Cultura Surda.

Um fragmento de fala retirado de uma entrevista com um surdo, publicada na Revista Sentidos², citado por Ribeiro (2009), exemplifica de forma clara a citação acima:

Acha importante para um deficiente auditivo a língua de sinais?

Eu não acho importante, muito menos necessário, pois isso faz com que o deficiente auditivo faça mais parte do mundo de deficientes do que do mundo normal. É por isso que há rejeição e discriminação (...). Ninguém entende uma pessoa que só se comunica em Libras (...). (p. 09)

Assim, poderemos perceber de duas formas diferentes esse multiculturalismo na surdez: primeiro relacionando surdos e ouvintes dentro de suas culturas, principalmente em espaços escolares; e a outra, uma relação entre Surdos³ e

² Revista Sentidos – A inclusão social da pessoa com deficiência. Janeiro de 2007.

³ Segundo Sacks (2002): “Algumas pessoas da comunidade surda indicam essa distinção por meio de uma convenção na qual a surdez auditiva é escrita com “s” minúsculo, distinguindo-a da Surdez com “S” maiúsculo, uma entidade lingüística e cultural.”

surdos, expressando dessa forma a “fragmentação e heterogeneidade entre aqueles que vivenciam a surdez.” (Ribeiro, 2009)

Araujo e Fonte, (apud, Freire 1992), ainda nos fazem lembrar que:

(...) a multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas, não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito à diferença. (p. 157)

E onde anda a coerência nessa prática educativa? O multiculturalismo esbarra na própria identidade ouvintista, visto que a própria história das lutas surdas não é mostrada no currículo desse sujeito surdo. Portanto, sendo o multiculturalismo um movimento social que tenta se firmar sobre a tentativa de homogeneizar a sociedade, Perlin (1998) nos chama a atenção para a necessidade de buscar formas de evitar, que a cultura dominante fique ainda mais forte, reforçando sua posição de poder e privilégio. É preciso manter “uma posição intercultural mesmo que seja de riscos.” Toda a construção da identidade surda é feita diante de uma cultura visual. Essa diferença precisa se compreendida como uma construção multicultural e não isolada. Estar lutando no multiculturalismo é reconhecer que existem diferenças, e essas mesmas, estão em constante jogo, sendo construídas na sociedade a partir de suas interligações, em diferentes contextos.

Segundo Pinto (2001), na grande maioria das vezes, esse multiculturalismo está recheado de diversas lutas sociais, de grupos discriminados, excluídos pela maioria social, por conta de suas diferenças. E ainda complementa: “Neste espaço multicultural, são deparados os movimentos sociais como negros, Surdos, índios, homossexuais, mulheres, judeus (...) que lutam pelas mudanças propulsoras para que cada um possa conviver com a diferença (...)” e assim, lutar pelos seus direitos, esses inerentes à sociedade justa.

Precisa-se, então, inserir efetivamente nas escolas, esse multiculturalismo, não somente da surdez, visto que existem outras formas de culturas que estão ao redor do sujeito surdo e que também, precisam ser apreendidas e respeitadas.

Sá (2006) nos lembra que os surdos têm lutado muito por uma cultura e história próprios, para fundamentar sua identidade. Isso é de suma importância para eles. Eles vislumbram na escola um espaço evidente, para que esses fatores se desenvolvam. Mas, para que isso ocorra de forma significativa, é necessário que “as condições lingüísticas e cognitivas” não partam de professores ouvintes. A autora ainda destaca:

Urge que adultos surdos atuem como marcos naturais de interação nas escolas específicas de surdos, promovendo o desenvolvimento dos aspectos identitários e culturais, bem como das habilidades lingüísticas e cognitivas da criança... (Sá, p. 320).

A autora ainda enfatiza que, por mais excelentes modelos lingüísticos que possam ser os professores ouvintes, eles nunca chegarão a ser modelos culturais para os surdos, pois, simplesmente não são surdos.

Já Ribeiro (2009), aborda que o contato com o Surdo adulto é que ampliará significativamente “as possibilidades lingüísticas e sócio-culturais da criança surda.” (p. 04)

Reis (2005) nos alerta para como devemos ver esse modelo – “Como perceber quando há necessidade de se estabelecer a diferença entre os conceitos *modelo* e *identificação* na relação professor e aluno surdo?” (p. 87). É interessante notar que, quando o aluno surdo procura se “identificar com o professor de modo não linear, ou seja, apenas em determinados e específicos momentos, vai construir o seu jeito de ser, sua subjetividade, e de modo distinto, singular.” (p 88). Dessa maneira, o professor será objeto de identificação, não será uma fôrma, um molde, um modelo, no qual o aluno perderá suas características para se moldar “à sua imagem e semelhança.”

Assim, o aluno se vê identificado com seu professor surdo, à sua identidade e cultura surdas. Então, nos deparamos com um currículo, o qual não condiz com essa identidade, com essa cultura.

Como resolver essa questão, quando o currículo tradicional não dá espaço para que haja o respeito à cultura dos alunos surdos? Como informa Ströbel (2009), apesar de só recentemente algumas escolas estarem introduzindo algumas modificações nesse currículo tradicional, como LS, história dos surdos, literatura

surda, ainda é insignificante diante do abismo, que a maioria das escolas oferece para que essa mudança não ocorra.

Observa Silveira (2005) que as escolas de surdo continuam com poucos professores surdos, pois ainda permanecem contratando mais professores ouvintes. Em sua dissertação ela nos mostra, que existem surdos formados em Pedagogia, Matemática, Artes, e outras disciplinas, mas que ficam apenas com o ensino da LS, alegando a escola que, como LS é próprio do surdo, de sua cultura, então é próprio para o surdo assumir esse lugar. De fato, o professor surdo é o melhor sujeito para estar no lugar de mediador da LS, mas convêm questionar: se eles são graduados em suas especialidades, por que ficar limitado a LS? Só porque é próprio de sua cultura? Será que as outras culturas, como dos negros, se resume apenas em dar aula de capoeira ou dança afro; a cultura dos índios se resume apenas a ensinar como pegar os peixes no rio e nada mais? Como bom exemplo da necessidade do professor surdo também, e principalmente, nas disciplinas, a autora nos ilustra o que um professor surdo verbalizou em sua entrevista. Ele observou que:

professor ouvinte não sabe como explicar, por exemplo: $2+2$; ele pode simplesmente mostrar isso em LS, mas tem mais aspectos envolvidos. Quando professores ouvintes ensinam, se sentem falta de sinal ou algo, pedem ajuda para professores surdos. Mas na verdade o problema é muito mais complexo. Não se trata apenas de falta de um sinal, mas de usar estratégias de LS, como uso de Classificadores. (p.157)

Sendo assim, o que se deve mudar, para que esse currículo passe a ser privilegiado nas escolas? Alguns movimentos já começam a ser vistos. Em 2006, na Bahia, houve um Encontro dos Surdos⁴, e diante das discussões estabelecidas, criou-se um documento, no qual estão postos algumas alternativas de como essa educação nas escolas poderia ser feita. Os aspectos abordados foram:

1. Direitos iguais para todos como base para uma sociedade mais justa e igualitária, como preconizam a Constituição Federal Brasileira e a Declaração de Salamanca, o Decreto 5626/2005 e a recomendação 01/2006 do CONADE encaminhada para o Conselho de Pessoas com Deficiência;
2. Reestruturar o curricular pedagógico para aproveitamento dos recursos pictóricos e de sinais, pois o currículo se encontra apenas adequado para estudantes ouvintes;

⁴ Anexo 1 : Documento na íntegra.

3. Implementar a Língua de Sinais nos currículos escolares;
4. Assegurar a presença do professor surdo e do intérprete profissional na sala de aula;
5. Alfabetizar crianças surdas através do Bilingüismo;
6. Participação política educacional das pessoas surdas nos processos de discussão e implementação de Leis, Decretos, etc.;
7. Oferecimento de vagas para professor surdo nas Instituições de Ensino, principalmente para o ensino da Língua de Sinais;
8. Garantia de acesso à cultura surda;
9. Construção de escola de surdos e creche para crianças surdas, com estrutura proporcional para tal;
10. Inserir nos programas educacionais, inclusive nos telejornais a legenda e janela de intérprete;
11. Formação diversificada e ampliação de cursos para surdos;
12. Assegurar o acesso a recursos tecnológicos que auxiliem no processo de aprendizagem dos alunos surdos, inclusive o painel de legenda em sala de aula para os alunos surdos que solicitarem;
13. Concursos públicos com garantia de 20% da reserva de vagas para surdos.

Os itens demonstram claramente que, a importância da presença do sujeito surdo durante o processo de organização desse novo currículo é inquestionável. É através da vivência de sua cultura e identidade, que as mudanças deverão acontecer. Há muito tempo esse currículo é unilateral, enfocando somente a cultura ouvinte, que por si só está no outro extremo, visto que seu aprendizado passa por outros canais, que não o visual. Como diz Sá (2006), a maior parte das discussões e polêmicas sobre a educação de surdos sempre se deu no universo dos ouvintes, isto é, “quando estas se desenvolvem entre os surdos, não são difundidas ou consideradas” (p. 27)

Esse processo de transformação precisa ser mais acelerado, visto que o tempo que já se “perdeu” e ainda se perde, nem deveria ter existido.

Dentro dessa nova escola, com esse novo currículo, haverá um olhar para/do surdo de forma diferente. Em seu trabalho, Wilcox (2005) cita que Ben Bahan⁵ diz que os sujeitos surdos deveriam começar a serem chamados de “pessoas visuais”:

⁵ Professor e escritor surdo americano.

Usando essa palavra, eu me coloco na posição das coisas que eu posso fazer ao invés das que não posso fazer. Identificando-me como uma pessoa visual, isso explicaria tudo ao meu redor: aparelhos TDDs, os decodificadores, as campainhas luminosas, a leitura labial e a emergência de uma língua visual. (p.17)

Se tentássemos vê-los assim, talvez nós estivéssemos em outro lugar e com maiores chances de fazer novas e, porque não afirmar, possivelmente teríamos melhores interpretações de seus processos. Estaríamos enxergando-os com outras “lentes”, vendo através delas suas possibilidades, inerentes à sua cultura e identidade.

Dentro desse novo currículo para “pessoas visuais”, não poderíamos deixar de citar alguns *artefatos culturais*⁶, que se fossem vistos da forma como a comunidade surda sente, não haveria as distorções provocadas por diversos profissionais que trabalham com surdos e a própria sociedade, levando-nos a uma prática pedagógica, que contemplasse esses artefatos, tão importantes para a formação da identidade surda e valorização de sua cultura.

Os mais importantes artefatos culturais, segundo Ströbel (2009) seriam: **experiência visual; lingüístico, familiar; literatura surda, vida social e esportiva; artes visuais; política e materiais.**

O primeiro artefato citado por Ströbel como importante é o da experiência visual, já que é a partir desse universo de imagens que o surdo lê e interpreta o que se passa ao seu redor. Como diz Perlin e Miranda (2003, p. 218), falar de experiência visual é usar-se do sentido visual em completa substituição do sentido auditivo. É um modo diferente de ser, expressar-se e perceber o mundo.

Outro artefato ligado intimamente a experiência visual é o lingüístico, pois a LS é essencialmente gesto-visual. Ela é uma das “principais marca da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda” (Ströbel, 2009, p. 44). Quando as pessoas surdas têm acesso à língua de sinais, participando da comunidade surda, elas serão sujeitos mais seguros, com auto-estima e identidade sadia. Com sua língua garantida, o sujeito surdo poderá se preparar para interagir

⁶ Segundo Ströbel, são as peculiaridades da cultura surda.

com o mundo ao seu redor, compreendendo-o e relacionando-se com ele, sentindo-se pertencente de um meio.

O terceiro artefato seria a família. Esta vem a ser em qualquer circunstância, o meio que nos fortalece para adentrar no mundo lá fora. É nela, onde nossas seguranças ou inseguranças serão trabalhadas, ou não. Por que para o indivíduo surdo seria diferente?

O que ocorre é que, numa família surda o nascimento de uma criança surda é um acontecimento natural, não ocorrendo o mesmo sentimento numa família ouvinte. Então, na maioria dos casos, nessa família ouvinte os sujeitos surdos ficarão com “carência de diálogo, entendimento e da falta de noção do que é a cultura surda.” (Ströbel, 2009, p. 51). A autora cita um exemplo de uma surda, retirado do livro *Vendo Vozes*, que ilustra bem esse “estar fora” de tudo:

Você fica fora da conversa à mesa do jantar. É o que se chama de isolamento mental. Enquanto todos os outros falam e riem, você se mantém tão distante quanto um árabe solitário num deserto que se estende para o horizonte por todos os lados. [...] Sente-se ansiosa por um contato. Sufoca por dentro, mas não pode transmitir esse sentimento horrível a ninguém. Não sabe como fazê-lo. Tem a impressão de que ninguém compreende nem se importa. [...] Não lhe é concedida sequer a ilusão de participação. [...] (SACKS, 1989, p. 136)

Outro artefato importante refere-se à literatura surda. As expressões que se refere a essa literatura são as mesmas realizadas no mundo ouvinte, diferenciando-se pela forma de interpretá-la e demonstrá-la.

Utilizando a poesia como ilustração dessa literatura, deveremos entender que serão as mãos, corpo e expressões desse sujeito surdo que nos transmitirão as emoções vindas de seu texto. Texto este “bailado” em sua língua, e não transcrito de outra.

Segundo Quadros e Sutton-Spence (2005), é tão importante fazer-se uma análise da forma e do conteúdo de uma poesia em língua de sinais, “quanto explorar o impacto da poesia no folclore” e como isto afetará na constituição e tradução de sua identidade (p. 113). As autoras ainda enfatizam que:

(...) o conteúdo de um poema pode ser novo, mas o método de composição, o desempenho e a transmissão, assim como a forma, o tema e a função, estão firmemente dentro da tradição da cultura folclórica. (p. 113)

Esse folclore citado diz respeito “a um ‘espelho da cultura’, nesse caso, fornecendo elementos que refletem a cultura surda”. Quadros e Sutton-Spence (apud, Rutherford 1993).

Por conta disso, as autoras pensam ser conveniente acrescentar o poema em LS como partes do grande folclore dos povos surdos. Nesse folclore surdo estará inserido, não só a poesia em língua de sinais, como também piadas surdas, histórias e narrativas pessoais. E quando há produção desse folclore surdo, “as pessoas surdas “estão produzindo” *raízes surdas*⁷.”

Nos poemas sinalizados as “idéias de olhar e de ver, dos olhos e da visão” são constantemente mostradas. Dando ênfase a essa imagem do olhar e da visão nos poemas em LS, “fortalece o poeta e a platéia, mostrando sua identidade visual.” (p. 118).

A vida social e esportiva do surdo é outro artefato importante e se referem a casamentos entre surdos, festas, lazeres, atividades nas associações de surdos, eventos esportivos.

Todas essas atividades são realizadas de forma natural, como qualquer atividade ouvinte, porém associadas à forma como a comunidade surda vê e vive essa vida social e esportiva, com suas peculiaridades. Por exemplo, nos bailes e festas que são promovidos pelas associações, existe música sendo tocada, porém para os surdos é mais importante estarem nos grupo conversando do que dançando. Os que se aventuram a tal, “são sujeitos surdos que sentem a vibração da música e gostam de dançar.” (p. 64).

Uma forma curiosa que os surdos fazem em sua vida social para identificar as pessoas, é o batismo do sinal. Eles se utilizam de características marcantes da pessoa, geralmente física, mas que também podem se utilizar da primeira letra do nome.

O esporte é outro fator da vida social do surdo de grande importância para sua interação. No intercâmbio que acontece entre associações e/ou clubes

⁷ *Deafhood*(Ladd 2003) – raízes surdas: é o processo através do qual uma pessoa descobre e desenvolve uma identidade surda como um membro de uma comunidade coletiva visual (Mindess 2000)

esportivos, aumentam as chances de convivência com sua LS e de outros estados ou países. E essa prática esportiva não traz nenhuma dificuldade para o surdo, visto que só há necessidade de adaptações nas sinalizações visuais.

O artefato artes visuais mostram para o mundo como os surdos pensam. Dentro dessa arte estão os desenhos, as pinturas, as esculturas e o teatro.

Tomemos o teatro como exemplo. Como para os surdos, sua língua de sinais é marcada pelo movimento e visibilidade, a expressão desse corpo será ideal para “expressar as suas identidades culturais através de desenhos no ar...” (p. 68).

Já a música não faz parte da cultura surda, porém segundo Ströbel, “os sujeitos surdos podem e têm o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. [...] Respeitando a cultura surda, substituindo as músicas ouvintista, surgem [...] as músicas-sem-som.”⁸

Os corais também não fazem parte da cultura surda. Um estudo feito por Lulkin (2001) enfatiza o desejo que a escola tem de, ao mostrar como e o que seus alunos surdos produzem, artisticamente, exibir que eles podem superar sua deficiência.

Mas, como se dá a produção desses corais, visto que o som para os surdos não é algo que seja percebido como nós ouvintes? Segundo Lilkin, tanto a música quanto a letra da música ao serem expostas são apreciadas e selecionadas por um professor ouvinte, que procura fazer a tradução para a Libras. O problema é que, geralmente essa tradução virá acompanhada da estrutura do português, “inserindo sinais na sequência sintática da língua nacional falada.” (p. 46). O autor afirma que “... Outra possibilidade, raramente posta à disposição, é dar lugar a um processo de criação, seleção, tradução e condução mobilizadas pela cultura visual, sensibilizada pela plasticidade no espaço. (p. 46)

Assim, o que seria oferecido aos ouvintes seria um código visual, de corpos, cujas imagens seriam o ponto forte e não a centralização no som. Então, o “privilegio seria de uma percepção e uma concepção que está muito mais presente na comunidade de pessoas surdas do que na comunidade de ouvintes. (p. 47).

⁸ Coreografias de danças em língua de sinais sem música. Exemplo: vídeo francês “ O Mundo de Surdos”. Ströbel, 2009.

O artefato cultural política refere-se aos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos. Dentro desse artefato, as associações de surdos são marcantes, visto que nelas ocorrem discussões, debates por direitos, tanto judiciais quanto de cidadania. O que antes era um lugar apenas de natureza social passou a ser importante para esses fóruns. Uma das conquistas que podemos citar é a comemoração do Dia do Surdo (no Brasil, em 26/09) ⁹.

E por último os artefatos culturais materiais, que vem dar uma maior acessibilidade ao cotidiano dos surdos. Entre elas pode-se citar o TDD (Telephone Device for the Deaf), as campainhas luminosas, o despertador e a secretária eletrônica que vibra, entre outros.

Mas esses artefatos culturais, como diz Ströbel, 2009:

não devem ser considerados apenas como entretenimento, mas sim um importante espaço educacional que faz formar a pedagogia surda e o currículo surdo entre outros, que colaboram na constituição de identidades culturais positivas de sujeitos surdos. (p. 74)

Em seus estudos, Silveira (2008) realizou uma pesquisa em diferentes escolas no Rio Grande do Sul (RS), onde pôde fazer um paralelo sobre o currículo da disciplina de Língua de Sinais na educação escolar de surdos, constatando a necessidade de uma modificação no mesmo para um melhor aprendizado e desenvolvimento do sujeito surdo e observando que, quando um surdo elabora esse currículo, os aspectos por ele abordados serão de suma importância para construção de uma identidade e cultura surdas. Ainda acrescenta Silveira:

É evidente que, pela sua importância, os currículos de Libras devem merecer uma atenção e uma reflexão maiores, para seu aperfeiçoamento, para que atendam efetivamente a um maior desenvolvimento lingüístico das crianças surdas, possibilitando a criação de identidades surdas e o incremento de sua cultura. (p. 92)

⁹ Esta data refere-se a um marco importante da história dos surdos: a fundação da primeira escola de surdos no Brasil (atual INES) – Ströbel, 2009.

Esse currículo precisa partir de um novo olhar, sendo posicionado dentro de uma filosofia que enfoque a educação cultural do povo surdo. Como explica Ströbel, a educação se daria na hora em que o “surdo é colocado em contato com sua diferença para que aconteça a subjetivação e as trocas culturais” (p. 73), levando-o então ao seu “jeito surdo de ser” (Ströbel, 2009).

3 MATERIAL E MÉTODO

O curso de *Especialização em Estudos Surdos*, coordenado pelo Centro SUVAG de Pernambuco em parceria com a Faculdade Santa Helena, e subsidiado financeiramente pela Secretária Estadual de Educação, teve início em fevereiro de 2008 com duração prevista de dezoito meses. O curso foi pensado como um momento de reflexão e de produção de conhecimentos sobre Libras, identidades, histórias e pedagogias surdas.

As disciplinas oferecidas no curso conduziram os alunos a uma reflexão interdisciplinar, no entanto, um pequeno número de pesquisas e de informações atualizadas sobre a Comunidade Surda no Estado de Pernambuco e a escassa bibliografia sobre o tema dificultava a elaboração das monografias. Para superar este impasse, elaborou-se um projeto de pesquisa intitulado *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade* em uma perspectiva de **construção coletiva** com a participação direta de **professores e alunos** do curso de pós-graduação em Estudos Surdos.

Pretendeu-se, com esta pesquisa, apreender a realidade educacional, social, política, cultural e econômica dos Surdos, sobretudo daqueles que freqüentam a rede pública de ensino. As informações coletadas servirão de base para um conhecimento e uma reflexão coletiva e de fonte primária para estudos posteriores.

O caráter investigativo e pedagógico de investigação permitiu um novo modelo de orientação de monografias, que articulou a pesquisa coletiva com o fazer monográfico individual. O objetivo foi, não apenas preencher as lacunas do conhecimento sobre os sujeitos surdos, mas também contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais para este grupo cultural.

Para cada grupo populacional investigado, foi elaborado um questionário envolvendo os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da vida do surdo. No total, foram três questionários categorizados de acordo com o entrevistado, a saber: pais de surdos, professores de surdos e alunos surdos.

Os questionários foram aplicados por todos os professores e alunos do curso. Foi feito um levantamento de informações sendo este, a base para a formação do perfil do surdo e também, como fonte para as monografias individuais.

De acordo com a Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Ministério da Saúde, toda pesquisa que envolve seres humanos como participantes deve ser avaliada por um comitê de ética em pesquisa, geralmente vinculado a instituições autorizadas. Seguindo a resolução, o projeto de pesquisa (*Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*) foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, e foi aprovado sob o número de protocolo 319/08.

A aplicação dos questionários foi realizada em duplas. Para as pesquisa cada dupla era responsável por duas atividades distintas: Primeiro, fazer as perguntas do questionário; segundo, anotar as reações dos entrevistados a essas questões. A cada entrevista, havia o revezamento do procedimento anteriormente exposto pelos pesquisadores.

Antes das entrevistas, os participantes eram orientados quanto ao termo de livre consentimento e após, caso houvesse concordância, dava-se início ao questionário. (Anexo 3).

A coleta de dados foi realizada em locais de encontros sociais de surdos, tais como: Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE), escolas da rede estadual de ensino, e o Centro Suvag de Pernambuco (instituição de referência sobre educação de surdos em Recife).

Após a coleta, os dados foram apurados e distribuídos em tabelas organizadas também de acordo com a população investigada. Professores e alunos também participaram dessa etapa. Diversas planilhas foram elaboradas e ficaram disponíveis para consulta dos alunos, que começaram em seguida a escrever suas monografias individuais sob orientação de professores.

Dentro dessa dinâmica, o presente estudo, intitulado **IDENTIDADE E CULTURA SURDAS: ASPECTOS CONTEMPLADOS NOS CURRÍCULOS ESCOLARES?** monografia realizada com enfoque investigatório em currículo surdo, teve como objetivo analisar se o currículo nas escolas tem contemplado os aspectos de identidade e cultura surdas. Para isso, foram analisados dados coletados do

questionário para estudantes surdos (Anexo 4). As perguntas utilizadas para essa análise, assim como as respostas adquiridas e as reflexões levantadas serão apresentadas no próximo capítulo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Segue abaixo as análises e discussões das questões relativas à cultura e identidade surdas, enfocando o universo escolar e o currículo surdo na pedagogia das escolas, embasado no projeto de pesquisa intitulado *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

Quadro 01. Caracterização dos entrevistados com relação à escolaridade, gênero e idade.

Características	Detalhes	Total por item	Total geral
Ensino	Fundamental II	36	49
	Médio	13	
Sexo	Masculino	36	49
	Feminino	13	
Idade	Entre 10-15	9	49
	Entre 16-20	11	
	Entre 21-25	22	
	Entre 26-30	2	
	Mais de 30	4	
	Não respondeu	1	

Fonte: pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

A maioria dos entrevistados são do sexo masculino e estão no ensino fundamental II (5^a à 8^a séries), estando na faixa entre a adolescência e a idade adulta, porém os adultos estão em maior quantidade.

Tabela 01. Filiação

	ESCOLAS					TOTAL
	Barbosa Lima	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	
Pai e mãe surdos	01					1
Pai e Mãe ouvintes	22	04	10	08	04	48
99)NS	-					
00) 00)NR	-					
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

A maioria é filho de pais ouvintes, o que dificulta seu acesso mais cedo ao mundo dos surdos, já que seus pais ao descobrirem tarde a surdez, não tem qualquer noção do que seja ter e criar uma criança surda. Conjuntamente a esse tempo que se passou sem descobrir a surdez, temos também os profissionais de saúde que não auxiliam os pais nesse difícil processo. Então, somado a isto tudo vem o período de “luto” pelo filho “normal” que não nasceu. Quando esse período acaba, chega o momento de tentar “normalizar” esse filho, ou seja, dar a ele um lugar no mundo ouvinte, com as características próprias desse mundo.

Então, diante de tantos caminhos e descaminhos, esse sujeito surdo demora a ter o encontro com um outro surdo, que dirá com uma comunidade surda.

Acredita-se que, se após todos os “lutos” os pais tivessem um investimento na língua-mãe de seu filho, e trocassem conversas com ele em LS, essa defasagem da língua e de sua identidade não existiria ou seria intensamente minimizada. Pois, como citam Ströbel (2009) e Moura (2000), existem pesquisas científicas que comprovam que crianças surdas de pais surdos se desenvolvem melhor em sua linguagem porque a comunicação com esse filho é a todo instante, não ocorrendo o mesmo com filhos surdos de pais ouvintes. Stevenson, 1964; Meadow, 1966; Vernon, 1970, entre outros, pesquisaram e compararam o desenvolvimento de crianças surdas filhos de pais surdos e filhos surdos de pais ouvintes, concluindo que os filhos surdos de pais surdos eram superiores, inclusive, em suas atividades acadêmicas (matemática, leitura e escrita, vocabulário, “sem diferenças na fala e na leitura orofacial.”) (Moura, 2000)

Tabela 02. Primeira língua que aprendeu.

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
A) LIBRAS	07	01	03	06	02	19
B) PORTUGUES	13	03	06	02	02	26
00) NR	01	-	01	-	-	02
BRANCO	02	-	-	-	-	02
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

Na tabela acima, percebe-se que a maioria aprendeu português primeiro, pois além de estarem mergulhados num mundo ouvinte, a maioria dos entrevistados (48) são filhos de pais ouvintes (como visto no quadro relativo à filiação). Então, o assujeitamento de seu padrão de vida fica ligado a essa cultura dominante. Como diz Dalcin (2005), em sua pesquisa, existe uma linha divisória entre o antes e o depois do encontro com a comunidade surda e a LS. Antes de conhecer essa língua há um grande sofrimento e após, a vida se abre para grandes possibilidades. Que, se a família procurasse estar envolvida com a língua materna de seus filhos, num processo de aprendizagem, talvez essa linha divisória fosse mais atenuada, já que é nessa família, onde as primeiras “experiências dialógicas” irão possibilitar ou não o desenvolvimento da linguagem do sujeito surdo. (Ramalho e Nascimento, 2009)

Tabela 03. Uso da Libras.

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
SIM	23	04	10	08	04	49
NÃO	-	-	-	-	-	-
00) NR	-	-	-	-	-	-
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

Todos se utilizam da LS, pois é ela que faz com que ele perceba o mundo e participe desse mundo. Segundo Skliar (2001), eles “criaram, desenvolveram e transmitiram de geração em geração, uma língua, cuja modalidade de recepção e produção é viso-gestual. Sabe-se, porém que, apesar de existir a tanto tempo, a LS ainda vive imersa num certo” halo de mistério, de rechaço e de representações estereotipadas.” Apesar de um grande número de pesquisas sobre o assunto,

demonstrando que ela possui “todas as funções descritas para as línguas naturais”, ainda é desvalorizada e vista como uma mistura de pantomima e sinais icônicos, como se fosse um *pidgin*¹⁰ primitivo.

Porém, o que precisa se observar é que a língua oral e a LS não necessitam ficar em lugares opostos, elas tem apenas canais diferentes para “a transmissão e a recepção da capacidade – mental – da linguagem.” (Skliar, 2001)

Quantas vezes em nossa sala de aula nos utilizamos desse artefato lingüístico (LIBRAS) para viabilizar o aprendizado? Quantas vezes exploramos o ambiente ao redor, cheios de possibilidades visuais, para uma melhor compreensão do que estamos falando?

Tabela 04. Fluência em Libras.

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
SIM	17	04	08	08	04	41
NÃO	02	-	02	-	-	4
00) NR	01	-	-	-	-	1
BRANCO	03	-	-	-	-	3
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

A grande maioria tem fluência na língua, porém acredita-se que ter ou não essa fluência não prejudica sua capacidade de compreensão do mundo, talvez apenas torne o processo mais lento, pois a busca de significados esbarra na falta de vocabulário em LS. Quanto mais cedo esse aluno tem contato com a LS, maior será sua fluência e conseqüentemente, um maior e melhor entendimento de mundo, pelas possibilidades de ler o mundo com um maior número de “palavras visuais”, na sua língua materna (LS).

¹⁰ Pidgin: 'língua simplificada para a comunicação entre pessoas de diferentes nacionalidades', servindo apenas como segunda língua para fins limitados.

Quadro 02. Idade que iniciou o uso da Libras e quem ensinou.

Dados	Detalhes	Total por item
Idade que aprendeu Libras	0-5	7
	6-10	13
	11-15	22
	16-20	1
	21-25	1
	NS	5
	Branco	-
Primeiro contato com a Libras	Pai	-
	Mãe	6
	Irmão/irmã	1
	Outro parente	2
	Amigos surdos	30
	Professor surdo	13
	Professor ouvinte	10
	Outra pessoa	-
	Outras, quais.	4
	NS	-
	NR	-
	Branco	-

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*.

Geralmente o sujeito surdo entra em contato tardiamente com a sua língua. Na pesquisa certificou-se que a maioria dos surdos começou a usar a LS entre os 11 e 15 anos, durante a sua adolescência, e quem ensinou esses surdos são os amigos surdos, seguido do professor surdo. A família tem um papel muito pequeno nesse aspecto.

Esse momento surge como a oportunidade de ter os primeiros contatos com outro surdo, principalmente se ele começa a freqüentar uma escola para surdos, ao invés de uma inclusiva. É um período no qual eles despertam para uma nova forma

de se comunicar, começam a tomar ciência que tem uma primeira língua e que não é o português.

Acredita-se então, que esse atraso em contatar com sua língua seja pela insistência em fazê-lo se utilizar de uma segunda língua – a portuguesa - como se ela fosse a primeira. Porém, essa segunda língua precisa ser vista como uma língua estrangeira e não língua materna. Mas, se permanece essa insistência, a dificuldade de apreender o mundo torna-se mais difícil, e conseqüentemente tornando-o um “deficiente” no mundo ouvintista, e não um cidadão diferente que tem LS, como sua língua materna.

Tabela 05. Opinião se surdos têm cultura e língua própria.

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
SIM	17	04	03	08	01	33
NÃO	02	-	01	-	01	4
00) NR	02	-	06	-	02	10
BRANCO	02	-	-	-	-	2
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade.

A grande maioria considera que os surdos têm língua e cultura próprias. Conhecendo-se como indivíduo cidadão, dentro dessa identidade cultural, em um mundo que, invariavelmente os diminui, não os considerando como participantes ativos de uma sociedade, os fortalece para investir cada vez mais em lutas, firmando-se com sentimento de pertencimento, para assim se ver como igual, de mesmos direitos, numa sociedade plural.

Quadro 03. Artefatos culturais citados pelos surdos como próprios da sua cultura

Artefatos culturais	Detalhes	Total por item
Cultura surda	Sinal de identificação	38
	Intérprete	23
	Acender a luz para chamar a atenção	31
	Despertador que vibra	36
	Dia nacional dos surdos	34
	Sites em sinais	32
	Telefones para surdos	29
	Cinema nacional legendado	35
	Mesa redonda	28
	Secretaria eletrônica que vibra	18
	Outros. Quais?	4
	Nenhuma das respostas	-
	NS	8
	NR	1

Fonte: pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade.

Artefatos culturais	Detalhes	Total por item
Conhecimento da existência de DVD em Libras	Sim	35
	Não	13
	NR	-
	Branco	1
Uso do dicionário em Libras.	Sim	27
	Não	21
	NR	-
	Branco	1
Conhecimento de que os surdos lutam para que os filmes nacionais sejam legendados.	Sim	33
	Não	14
	NR	2
	Branco	-

Fonte: pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

O sinal de identificação foi o item mais citado em termos de indicação da cultura surda. É uma forma de artefato de vida social que é muito forte na comunidade surda. As pessoas que se inserem nesta comunidade, sejam elas surdas ou ouvintes, passam por esse ritual de batismo. Como o visual é algo forte para os surdos, essa sinalização fica caracterizada gestualmente, o que vem a ratificar a presença constante do visual no cotidiano do sujeito surdo. Mesclados a esse artefato, vieram outros, como o material e o político.

Os artefatos materiais utilizados na vida do surdo, como acender a luz para chamar a atenção (campainha), despertador que vibra, sites em sinais, DVD e dicionário em Libras, dão a condição de se inserir no mundo dos ouvintes, sem prejuízos. Seria como uma adaptação funcional para transitar num mundo de sons (onde sua maioria ouvinte, não está interessada em mudanças), promovendo uma cultura própria para esses indivíduos. Da mesma maneira, os artefatos políticos citados também vêm mostrar que o sujeito surdo está cada vez mais buscando firmar sua cultura e identidade. O Dia Nacional do Surdo, a luta pelo cinema

nacional legendado, foram alguns dos aspectos bastante sinalizados na pesquisa. Pois, como bem diz o slogan que ilustra a luta pelo cinema nacional legendado, “cinema para quem não ouve, mas se emociona.” O surdo é um ser humano como outro qualquer, e tem o direito de viver como tal, com todas as suas emoções e interpretações desse mundo.

Tabela 06. Orgulho de ser surdo.

	ESCOLAS					TOTAL
	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	
a) SIM	22	04	10	07	04	47
b) NÃO	01	-	-	01	-	2
00)NR	-	-	-	-	-	-
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

Quase todos se orgulham de ser surdo. Isso possivelmente demonstra que a cultura e a identidade surda já possui um significado nas vidas desses indivíduos.

Ströbel faz uma citação de McCleary (2003, p. 3), que ilustra bem o sentimentos desses sujeitos e o quanto eles confundem o mundo de ouvintes com esse orgulho de sua condição cidadã:

[...] quando o surdo diz, “ Eu tenho orgulho de ser surdo”, ele choca e confunde o ouvinte. O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que o ouvinte tem sobre o mundo. Ele não pode mais achar que o surdo é um “coitado”, porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. [...] O ouvinte não tem explicação para o orgulho de o surdo ser surdo. Como é possível uma pessoa ter orgulho de ser surdo? Para o ouvinte, é um absurdo. É um paradoxo. (p. 82)

Por que um paradoxo? Acredita-se ser porque o ouvinte ainda vê o surdo clinicamente “faltando um pedaço”, não o vê como um cidadão diferente (como tantos espalhados pela sociedade), de identidade e cultura próprias, pois se focou apenas na audição que ele não possui.

Tabela 07. Vergonha de ser surdo.

	ESCOLAS					TOTAL
	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	
SIM	03	04	04	01	02	14
NÃO	20	-	06	07	02	35
00)NR	-	-	-	-	-	-
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

Uma quantidade significativa não tem vergonha de ser surdo, mas em contraponto a questão anterior, na qual a maioria esmagadora sentia orgulho de ser surdo, era de se esperar que o mesmo quantitativo se repetisse na questão agora analisada, o que não aconteceu.

Existe a possibilidade de que esse número ainda presente de surdos que tem vergonha, venha de um histórico recheados de “ esteriótipos sociais como seres inferiores aos sujeitos ouvintes, como seres ‘deficientes’, que precisavam se adequar, caminhar para a ‘normalidade’,” marcando assim, de forma intensa, o povo surdo. Ströbel, 2009, p. 82-83.

Ainda citando a autora acima, esse sujeito que tem vergonha de usar a LS não se percebe surdo, mas como deficiente. Ele não conseguiu “ se libertar da visão de surdez que a sociedade atribuiu.” (p. 83)

Tabela 08. Conhecimento da existência da Língua de Sinais Americana (ASL).

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
	SIM	07	-	03	04	01
NÃO	14	04	06	04	03	31
00) NR	01	-	01	-	-	2
BRANCO	01	-	-	-	-	1
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

Mais da metade dos entrevistados não conhecem a língua de sinais americana (ASL). A insistência em se manter um currículo voltado exclusivamente para os ouvintes, e dessa forma ensinando a língua oral americana, vem mais uma

vez travar esse surdo num ambiente onde ele não terá oportunidade de se utilizar dessa língua para comunicação.

É inegável que a utilização da língua escrita americana seja importante, mas querer usar da mesma maneira a língua oral americana para o sujeito surdo é de imensa insensatez. Por que não se introduzir a ASL em conjunto ao inglês escrito, para o indivíduo surdo? Os ouvintes não possuem as duas modalidades (oral e escrita)? Dessa maneira, o surdo teria uma ferramenta de comunicação efetiva em sua vida. Numa situação de vivência em outro país, as pessoas não realizam sua comunicação cotidiana, nas ruas, se utilizando de bilhetes manuscritos, mas sim de uma língua falante, fluente ou não. Para isso, apesar das pessoas investirem nas duas modalidades, na língua oral há uma preocupação maior. Com o surdo deve ser diferente? Por quê? Sua língua gesto visual tem as mesmas competências que outras línguas, com modalidades (oral e escrita) em ambas as situações. Então, por que desperdiçar tais possibilidades?

Tabela 09. Se já fez teatro em Libras.

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
SIM	13	02	04	04	01	24
NÃO	10	02	05	04	03	24
00) NR	-	-	01	-	-	01
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

Mais uma vez a necessidade de um currículo voltado para a cultura surda nos acena. Praticamente metade dos alunos entrevistados já participou de teatro, mas a mesma metade não. Sendo um artefato tão forte nessa cultura, como ele não é explorado, principalmente no âmbito escolar, lugar onde ele deveria ter o maior respaldo para se expressar? Sua língua é essencialmente gesto-visual, o teatro explora imensamente todos os movimentos e expressões desse corpo, então como entender o não envolvimento de forma mais efetiva desse sujeito surdo nas artes cênicas?

Tabela 10. Se já cantou coral em Libras.

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
SIM	09	02	04	-	01	16
NÃO	14	02	06	08	03	33
00) NR	-	-	-	-	-	-
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

Mais da metade nunca “cantou”, pois como não faz parte da cultura surda os números demonstram isso.

Por que se diz que não faz parte da cultura surda? Analisemos: como se dá a produção desses corais, visto que o som para os surdos não é algo que seja percebido como nós ouvintes? Veremos então, o que? Apresentações feitas por um ouvinte, onde os surdos serão meros “ventríloquos de maestros ouvintes, sinalizando músicas de cultura ouvinte [...], ficando totalmente presos ao maestro ouvinte [...], nem podendo olhar o público a que se dirigiam”. Ströbel, 2009 (apud Arriens, 2003, p. 23). E mais, essas canções nunca farão parte de seu repertório lingüístico, nem mesmo memorizados, como afirma Lilkin (2001).

Existem outras formas de apresentação de corais com pessoas surdas. Como isso aconteceria? Novamente seguindo as observações de Lilkin, essa forma diferente de apresentação buscaria aspectos do som, como pulsação, ritmo, movimento, harmonia, transformando “o sinal lingüístico, encontrando neles a metáfora, guardando parte do sentido original e criando novos sentidos...” (p.48). Passariam então, a formar uma percepção pública, compartilhada; construindo assim, uma memória cultural.

Tabela 11. Conhecimento da existência de poesia em Libras.

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
SIM	17	03	04	07	-	31
NÃO	06	01	04	-	04	15
00) NR	-	-	02	01	-	3
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

A maioria conhece, mas esse conhecimento seria por já ter visto? Ou apenas porque alguém contou? Há de se entender, também que a poesia em Libras não é uma tradução do português para Libras de nossas poesias, mas poesias vindas de um sujeito surdo, com todas as nuances típicas de sua língua. Como explica Quadros e Sutton-Spence (2005), a linguagem que será usada na poesia em língua de sinais “se constitui para criar e traduzir a cultura surda e a identidade das pessoas surdas.” Durante a interpretação, todas as emoções estarão sendo visualizadas através do corpo, em seus movimentos e expressões, levando-nos a um mergulho sensorial, melodioso, de suas estrofes e rimas.

Tabela 12. Conhecimento de música feita pelo próprio surdo.

	ESCOLAS					TOTAL
	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	
A) SIM	02	-	-	03	01	6
B) NÃO	21	04	09	05	03	42
00)NR	-	-	01	-	-	1
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

Como a música não faz parte da cultura surda, penso que os números refletem o pouco conhecimento nesta área.

Porém, recentemente, estão surgindo grupos ouvintes trabalhando com surdos, que se utilizam de instrumentos de percussão, cuja vibração feita neles, os sujeitos surdos percebem, sentem, podendo assim se situar no som de outra forma. Também existem instrumentos, que ao serem tocados emitem luz, causando um efeito visual durante o som.

Dessa maneira, grupos de surdos então tomando conhecimento de uma nova forma de perceber o som, e assim, quem sabe se interessarem para criarem sua “música”, dentro de sua própria cultura.

Tabela 13. Conhecimento de uma Faculdade nos Estados Unidos da América (EUA) onde todos os professores e alunos usam língua de sinais.

	B.LIMA	LAURO DINIZ	ROCHAEL MEDEIROS	SUVAG	VIDAL DE NEGREIROS	TOTAL
SIM	07	-	02	01	01	11
NÃO	16	04	07	06	03	36
00) NR	-	-	01	01	-	2
BRANCO	-	-	-	-	-	-
TOTAL	23	04	10	08	04	49

Fonte: pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

A maioria não tem esse conhecimento. Se no seu próprio país existem fatos que são de completo desconhecimento do surdo, o que dizer do que se passa em outros países? Nas escolas não é levado em consideração sua história surda, então como buscar relacioná-la com outras? O que se encontra em termos de currículo escolar que se leve em consideração a identidade e cultura surdas, é visto num universo muito pequeno. Algumas escolas no Rio Grande do Sul, investem nesse currículo diferenciado, porém, não possuem uma homogeneidade. Silveira (2008), observa que quando esse currículo é elaborado por um ouvinte se torna diferente se o mesmo tiver sido planejado por um surdo:

O currículo na perspectiva surda é diferente do currículo dos ouvintes. Como já disse, percebemos aqui que os elementos abordados pelo professor surdo estão relacionados à cultura surda e os diversos assuntos são para tentar contemplar as diferentes possibilidades de uso dos espaços culturais surdos na sociedade. Mesmo que a cultura surda viva nas fronteiras há espaços criados nos “entre-lugares”. (p. 90)

Na pesquisa da autora referida, cinco escolas tiveram seus currículos analisados e constatou-se que alguns desses currículos têm questões relacionadas às atuais discussões sobre cultura e identidade surda, porém também surgem outros em que essa organização não acontece a contento, “parecem improvisados, repetitivos e vazios, como se fossem mera soma de tópicos para preencherem tempo de aula.” (p: 91)

“Precisa-se urgentemente reavaliar esse currículo, precisamos “descolonizar” a educação ouvintista, que ainda tem reflexos no ensino de Libras, pois como

esclarece Silva 1996 (apud Silveira 2008),” (...) descolonização do currículo supõe, evidentemente, o projeto, a construção e a elaboração de novos materiais que possam refletir as visões e representações alternativas dos grupos subordinados”.

Quadro 04. O surdo na construção da sua cultura

	Detalhes	Total por item
Leitura de livros escritos pelos próprios surdos.	Sim	17
	Não	31
	NR	1
	Branco	-
Ver algum filme sobre surdo	Sim	26
	Não	22
	NR	1
	Branco	-
Assistiu a algum filme ou peça teatral com atores surdos	Sim	26
	Não	21
	NR	2
	Branco	-
Leitura de livro sobre surdo	Sim	14
	Não	31
	NR	1
	Branco	3

Fonte: pesquisa *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*

A maioria já assistiu ou viu filme/teatro, mas existe uma quantidade significativa (próximo à metade), que ainda não conseguiu realizar essa experiência.

Existem, na comunidade surda, muitos indivíduos surdos que sobressaíram-se na sociedade, se apresentando em cinema e/ou teatro. Como exemplo, pode-se

citar Marlee Matlin¹¹, ganhadora do Oscar de melhor atriz, no filme Filhos do Silêncio e Emanuelle Laborit¹², que além de atuar no teatro e no cinema, escreveu o livro O Vôo da Gaivota. No Brasil também existem atores surdos, como Nelson Pimenta¹³, Rimar Romano¹⁴, Reinaldo Pólo, Cacau entre outros. (Ströbel, 2009)

Ver tantos surdos promissores em suas profissões, ajuda ao surdo a perceber o quanto as possibilidades existentes na sociedade, também são para ele. Que é possível realizar conquistas, seja em qual for o ramo da sociedade.

¹¹ Atriz surda americana.

¹² Atriz surda francesa.

¹³ Estudou no National Theatre of the Deaf, nos Estados Unidos e, atualmente, está concluído graduação em cinema. Possui uma empresa que produz livros, jogos didáticos e DVD em língua de sinais. Ströbel, 2009.

¹⁴ Fundador da companhia de teatro Cia. Arte e Silêncio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões estabelecidas nessa monografia, nos deparamos com questões impossíveis de serem ignoradas. No que diz respeito ao currículo para esse sujeito surdo, as falhas são inúmeras, destacando os seus artefatos culturais que surgem em pouquíssimos ambientes escolares, como ponto primordial para construção de sua identidade surda.

Percorremos a crescente desigualdade que há nas escolas, onde esse sujeito surdo se vê marginalizado, posto à parte de seu processo de aprendizagem, pois as discussões ainda são realizadas no espaço dos ouvintes e por ouvintes. O que se é desenvolvido entre surdos, não é difundido, e, às vezes, é até ignorado.

Seu currículo permeia um universo preponderantemente ouvinte, sem a participação de sua identidade e cultura, o que lhe propiciaria abertura de melhor compreensão do mundo ao seu redor.

Como exemplo da ausência de um currículo para os surdos, podemos citar o teatro. Na pesquisa utilizada, a participação dos alunos surdos em atividades teatrais ficou com percentuais semelhantes aos que não participam. Sendo o teatro um artefato cultural tão forte para o surdo, como explicar a sua ausência em metade dos entrevistados?

Outro exemplo interessante, parte da maioria desconhecer a existência de uma faculdade nos EUA, onde todos os professores e alunos usam a língua de sinais. Como já foi dito anteriormente, se aqui (em seu próprio país) existem fatos que os surdos não conhecem, o que dizer do que se passa em outros países? Fatos esses que dizem respeito a muitos de seus artefatos culturais, como por exemplo ter pouco conhecimento que pessoas surdas possam estar na sociedade, inclusive ativamente se destacando, como na literatura, na dança, nas artes (cênicas, plásticas, visuais, entre outras). O horizonte para o sujeito surdo se desdobra como para qualquer outro indivíduo. As oportunidades estão à mostra, mas eles precisam saber, onde e como procurar.

É na escola que essa história surda deveria ser levada em consideração. O surdo por desconhecer essa história, fica à margem da mesma, sem nem ao menos ser expectador, pois não se consegue ver, sentir, viver aquilo que não se tem conhecimento. Se a escola não toma para si o papel de co-participante na história desse sujeito surdo, como viabilizar a construção de sua identidade?

E os educadores que estão nessa tarefa, onde se encaixam? Acredita-se que existem inúmeras dúvidas e inseguranças nos profissionais (ouvintes) que estão em constante contato com esse aluno surdo. Sentimento esses, oriundos da profunda ignorância e/ou falta de desejo de saber como essa identidade e cultura são importantes para o aprendizado dos surdos. Com isso, cria-se uma distância para conseguir concretizar metodologias, pois como chegar até esse sujeito se não conheço como ele se constitui como indivíduo? Parece-me que a necessidade de se continuar com o “empoderamento” ouvinte é tão arraigado, que criamos uma espécie de cegueira, cujas respostas surgem em todos os aspectos desse sujeito, mas nos negamos a ver, e com isso adiamos a possibilidade de conquistas pedagógicas, pois onde deveríamos unir, preferimos olhar de fora, do alto, de forma exclusivamente imparcial.

As discussões precisam ir para outro lugar, no qual não sejam apenas as dúvidas de qual língua usar, de quais métodos serão os melhores. Pensar o currículo surdo é destacar suas questões de identidade e cultura, para que ele se veja como indivíduo singular. Para que ele possa ver que suas diferenças o tornam únicos, com possibilidades que outros não possuem e que o tornam mais competentes em inúmeros aspectos.

As mudanças precisam ocorrer com a devida urgência. As discussões precisam ser mais intensificadas e sair do nível verbal e escrito, e partir para a ação. Somente diante de tais ações, será possível pensar em ter uma escola livre de rupturas, pois como bem disse Sá (2009): “[...] uma escola que não crie rupturas entre as diferentes histórias subjetivas individuais e a heterogeneidade cultural e social que constituem as relações sociais.” Essa escola que terá um ganho, até então impensável no passado, se constituirá em um ambiente, onde as trocas serão reais e mudarão a visão de ambos os sujeitos das ações – ouvintes e surdos.

Esses mundos não precisam ser plurais no sentido de separação, mas plural na forma de ver as diferenças, aprender com elas e unir-se a elas. Só assim, as identidades e culturas serão garantidas, buscando coesão e não separação, quebra de muros e não construção de mais muralhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Clarissa Martins de e FONTE, Zélia Maria Luna Freire da. **A educação de surdos e a prática pedagógica dos professores ouvintes: possibilidades e limites.** Disponível em: www.alb.com.br/anais16/sem09pdf/sm09ss01_10.pdf. Acesso em 20/06/09.

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. **Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais.** *Psicol. Cienc. Prof.* Dic. 2004, vol.24, no. 4 [citado 21 Julho 2009], p.68-77. Disponível em: <49d49P://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo. Acesso em 26/05/09.

DALCIN, Gladis **Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo.** Estudos surdos org. Ronice Quadros Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, 2005.

ENCONTRO DE SURDOS, 2006, Bahia. **A educação que nós, surdos, queremos e temos direito.** Bahia: 2006.

LULKIN, Sérgio Andres. **O discurso moderno na educação dos surdos: prática de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada.** In: SKLIAR, C. (Org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade.** Rio de Janeiro: Livraria e Ed. Revinter Ltda, 2000.

NASCIMENTO, Rejane Maria de Oliveira e RAMALHO, Anelise Marinho. **A Resistência de Famílias de Surdos em Aprender a Libras.** Estudos Surdos: Novas Perspectivas, vol. II. Centro Suvag de Pernambuco. Ed. Livro Rápido. Recife, 2009.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

PINTO, P. L. F. **Identidade Cultural Surda na Diversidade Brasileira.** Espaço, Rio de Janeiro, 2001.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas**. Disponível: www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca_artigos/pratica_ensino_educacao_surdos/texto22. Acesso em 22/03/2009.

RAMOS, Clélia Regina. **O direito da criança surda de crescer bilíngüe**. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo1.pdf>. Acesso em 20/07/2009.

REIS, Flaviane. **Professores Surdos: Identificação ou Modelo?** Estudos Surdos org. Ronice Quadros Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, 2005.

RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araújo. **Multiculturalismo nos discursos da surdez**. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/41_Maria_Clara_MR.pdf. Acesso em 04/07/2009.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTANA, Ana Paula e BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005 567. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

SANTOS, Elias Souza dos. **Conhecendo as identidades dos sujeitos surdos** Disponível em: http://www.ipaese.org.br/images/artigos/pdf/artigo_1_elias_08. Acesso em: 04/04/09.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **O ensino de libras em escolas gaúchas para surdos: um estudo de currículos**. Revista "Educação Especial" n. 31, p. 85-94, 2008, Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em 06/09/2009.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **O currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda**. Estudos Surdos org. Ronice Quadros Universidade Federal de Santa Catarina . Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, 2005.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: Problematizando a Normalidade. In _____ (org.). **A Surdez: um Olhar Sobre as Diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SUTTON-SPENCE, Rachel e QUADROS Ronice Müller de. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda**. Estudos Surdos org. Ronice Quadros Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, 2005.

STRÖBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

WILCOX, Sherman e WILCOX Phyllis Perrin. **Aprender a Ver: O ensino da Língua de Sinais Americana (ASL) como segunda língua**. Tradutor Tarcísio de Arantes Leite. Coleção Cultura e Diversidade. Ed. Arara Azul, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1

A EDUCAÇÃO QUE NÓS, SURDOS, QUEREMOS E TEMOS DIREITO

DOCUMENTO ELABORADO PELA COMUNIDADE SURDA A PARTIR DO ENCONTRO DE SURDOS NA BAHIA, REALIZADO NA REITORIA DA UFBA-UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA EM 02 DE NOVEBRO DE 2006.

RESUMO

Aos dois dias do mês novembro de 2006 na Reitoria da Universidade Federal de Salvador, sob a coordenação do CESBA- Centro de Surdos da Bahia e com o apoio da Dra. Nídia Limeira de Sá, ocorreu o Encontro de Surdos no Estado, com o objetivo de analisar, discutir e oferecer propostas que torne a inclusão uma proposta viável, principalmente a partir da ótica do surdo.

SUMÁRIO

A EDUCAÇÃO QUE NÓS, SURDOS, QUEREMOS E TEMOS DIREITO

- 1. O SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO**
- 2. A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA BAHIA NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA**
- 3. A EDUCAÇÃO QUE NÓS, SURDOS, QUEREMOS E TEMOS DIREITO**

1. O SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

O sistema educacional brasileiro procura adaptar-se aos novos paradigmas educacionais. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205 preconiza que a educação é "direito de todos, dever do Estado e da família, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, o seu preparo para a cidadania e a sua qualificação para o trabalho, assegurando o direito e o respeito às diferenças".

Estamos vivenciando a perspectiva da Inclusão, dimensão social que postula princípios básicos para oferecimentos de oportunidades e direitos iguais a todos, não importando suas diferenças. Na perspectiva de que a educação inclusiva deve ser estruturada em um processo educacional que leve em consideração os limites e potencialidades de cada educando, utilizando-se as vias multi-sensoriais no processo de aprendizagem, não só pela visão e/ou audição, mas pela interação de todos os sentidos, a fim de proporcionar aprendizagem significativa a todos, observa-se, então, que reconhecer as diferenças é o princípio básico para o exercício da prática docente em atenção às diferenças em classe inclusiva.

Todavia, o que se tem percebido, em grande parte, nas escolas públicas estaduais são classes tidas como homogêneas, preponderando sempre um ensino descontextualizado, sem

aprendizagem significativa, apenas mecânica, e, portanto desconectada da realidade dos educandos surdos.

É necessário oferecer condições de qualidade educativa para as pessoas surdas, a fim de que possam se desenvolver conforme suas potencialidades e, tal situação só poderá ocorrer de fato no momento em que **a opinião do surdo seja respeitada, e no momento ele clama pela sala só para alunos surdos, sem que esse clamor represente sua exclusão no sistema de ensino**, pois a Inclusão existente atualmente acaba ficando somente no sistema de ensino, porque há uma organização que implícita ou explicitamente valoriza o ouvir, o saber ouvir, o ser ouvinte, trazendo uma relação excludente entre os ouvintes e seus pares. As aulas não são apropriadas para o aluno surdo, são utilizadas apenas técnicas de memorização, apenas por verbalizações sobre o objeto a ser aprendido, de forma mecânica e descontextualizado. Não há recursos suficientes, nem sensível interesse para a realização de ações pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento cognitivo desses alunos, propiciando a todos os alunos o contato com os objetos a serem aprendidos, utilizando-se apenas modelos ouvintista.

As políticas educacionais devem levar em consideração as diferenças e as situações individuais dos alunos surdos, enfatizando-se a necessidade de um movimento transformador da educação como um todo, **não se referindo só ao processo de inclusão escolar, mas propondo alternativas que viabilizem a qualidade do ensino**, através de propostas pedagógicas significativas.

2. A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA BAHIA NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

O que se pode perceber é que o processo de inclusão dos alunos surdos, nas classes regulares de ensino, não está acontecendo como preconizam as leis: o diálogo e o espírito crítico não são exercitados nos âmbitos escolares.

Segundo os surdos que participaram do Encontro de Surdos na Bahia, o aluno surdo em classe inclusiva ainda é norteado pela **obrigação de igualar-se à cultura ouvinte, seguindo os fundamentos lingüísticos, históricos, políticos e pedagógicos desta cultura**. Mas, é necessário que se leve em conta que, a escola, ao considerar o surdo como ouvinte numa lógica de igualdade, está lidando com uma pluralidade contraditória e, conseqüentemente, negando a singularidade do indivíduo surdo, como afirmam vários estudiosos do ramo.

Os órgãos governamentais legitimam o processo de inclusão social, mas não provêm as escolas públicas de recursos para o atendimento educacional de qualidade para todos. A utilização da Língua de Sinais é um exemplo nítido, **pois lhes afirma o direito ao uso, contudo há apenas a recomendação para que pais e professores aprendam essa língua, sendo que muitos professores de escolas públicas não sabem utilizar a LIBRAS**, não se trata apenas de optar pelo processo de inclusão na escola regular, é necessário propor meios e alternativas que, considerem a existência da cultura surda, a ele seja permitida aprendizagem significativa.

Apesar da quase abundância de leis, no que se refere à educação inclusiva, é possível afirmar que falta, além de uma formação do profissional da educação; formação de professores intérpretes e a proposta de meios e modos de execução de uma prática pedagógica comprometida. É uma inovação que implica em perpétuo esforço de atualização e reestruturação das condições atuais da maioria das instituições de nível fundamental, médio e superior. Sendo assim, encontramos um paradoxo no que se refere às propostas de inclusão e as reais condições das classes inclusivas para o aluno surdo. Observamos que as necessidades dos sujeitos surdos não se restringem apenas às questões pertinentes à linguagem, mas há, também, uma gama de outros fatores, como a forma visual de apreensão do mundo, tão renegada na escola inclusiva, pois não há uma reestruturação curricular pedagógica, para aproveitamento dos recursos pictóricos e de sinais, pois o currículo se encontra apenas adequado para estudantes ouvintes, não contemplando todos os alunos, inclusive os alunos surdos.

O papel do educador é de extrema relevância para o aprendizado-significativo do aluno surdo, através do uso de metodologias adequadas à sua realidade, utilizando a primeira língua-LIBRAS, além dos mais variados recursos de comunicação e o ensino da segunda língua (Português). Contudo, uma grande parte do professorado da classe inclusiva em redes de ensino, sequer conhece ou ouviu falar da Língua Brasileira de Sinais, o que dificulta ainda mais o processo satisfatório da inclusão para os surdos.

Segundo os alunos surdos **o que ocorre nas salas de inclusão não são aulas apropriadas para o aluno surdo**, são técnicas de memorização, apenas por verbalizações sobre o objeto a ser aprendido, de forma mecânica e descontextualizado. Não há recursos suficientes nem sensível interesse para a realização de ações pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento cognitivo desses alunos, propiciando a todos os alunos o contato com os objetos a serem aprendidos, utilizando-se modelos desses objetos.

3. A EDUCAÇÃO QUE NÓS, SURDOS, QUEREMOS E TEMOS DIREITO

Para a efetiva realização de uma educação de qualidade para os surdos, nós reivindicamos:

14. Direitos iguais para todos como base para uma sociedade mais justa e igualitária, como preconizam a Constituição Federal Brasileira e a Declaração de Salamanca, o Decreto 5626/2005 e a recomendação 01/2006 do CONADE encaminhada para o Conselho de Pessoas com Deficiência;
15. Reestruturar o curricular pedagógico para aproveitamento dos recursos pictóricos e de sinais, pois o currículo se encontra apenas adequado para estudantes ouvintes;
16. Implementar a Língua de Sinais nos currículos escolares;
17. Assegurar a presença do professor surdo e do intérprete profissional na sala de aula;
18. Alfabetizar crianças surdas através do Bilingüismo;

19. Participação política educacional das pessoas surdas nos processos de discussão e implementação de Leis, Decretos, etc.;
20. Oferecimento de vagas para professor surdo nas Instituições de Ensino, principalmente para o ensino da Língua de Sinais;
21. Garantia de acesso à cultura surda;
22. Construção de escola de surdos e creche para crianças surdas, com estrutura proporcional para tal;
23. Inserir nos programas educacionais, inclusive nos telejornais a legenda e janela de intérprete;
24. Formação diversificada e ampliação de cursos para surdos;
25. Assegurar o acesso a recursos tecnológicos que auxiliem no processo de aprendizagem dos alunos surdos, inclusive o painel de legenda em sala de aula para os alunos surdos que solicitarem;
26. Concursos públicos com garantia de 20% da reserva de vagas para surdos.

ANEXO 2**CENTRO SUVAG DE PERNAMBUCO- FACULDADE SANTA HELENA****SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO****CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS SURDOS****PESQUISA FIGURAÇÕES CULTURAIS: SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE****TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

EU, _____, aluno (a) do curso de Especialização em Estudos Surdos, matrícula nº _____, na qualidade de co-participante da pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade declaro ter ciência do conteúdo dos questionários e comprometo-me a aplicá-lo junto a alunos, pais e professores, preservando a privacidade das informações obtidas, bem como a devolvê-lo à Coordenação da Pesquisa no período estipulado.

Recife, de outubro de 2008

Assinatura

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Monica M^a Pacheco de Araujo/Arleide Jandira da Costa

INSTITUIÇÕES: Universidade Federal de Pernambuco / Centro SUVAG de Pernambuco/ ASSPE

Esse termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

Introdução

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: *Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*. Se decidir participar, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com esta instituição. No caso de você decidir não participar mais deste estudo, deverá comunicar ao profissional e/ou o pesquisador que o esteja atendendo. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação para dar o seu consentimento livre e esclarecido.

Objetivo

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer com maior profundidade a situação educacional, social, econômica, cultural e política dos surdos, analisando as suas múltiplas *experiências* e apreender as suas *expectativas de vida e de trabalho*.

Procedimentos da Pesquisa

Se concordar em fazer parte desta pesquisa, sua participação será responder a um questionário e/ou uma entrevista, aplicado (a) pelos pesquisadores, por ocasião agendada por você. O questionário contém perguntas diretas e objetivas sobre dados de identificação e aspectos socioculturais relacionados a surdos.

Riscos e desconfortos

Ao responder as perguntas, você poderá ter desconforto pelo tempo que gastará, ou sentir algum tipo de constrangimento pelo conteúdo da pergunta. Caso isso aconteça, avise ao entrevistador que irá imediatamente interromper o procedimento.

Benefícios

As informações coletadas poderão ser importantes para o maior conhecimento da educação de surdos e uso da língua e sinais. Isso trará benefícios para a comunidade de surdos que você faz parte.

Custos / Reembolso

Você não terá nenhum gasto e não será cobrada pela sua participação no estudo. Além disso, não receberá nenhum pagamento pela sua participação.

Caráter confidencial dos registros

Algumas informações obtidas a partir da participação nesse estudo não poderão ser mantidas estritamente confidenciais (em segredo), porém quando o material do seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa, sua identidade será preservada, ou seja, você não será identificado (a) de forma alguma.

Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo constando o telefone da pesquisadora e poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: Mônica Pacheco– telefone (81) 91222890/ Arleide Costa 88138145

Declaração de consentimento

Li, ou alguém leu para mim, as informações deste documento antes de assinar esse termo de consentimento. Declaro que tive tempo suficiente para entender as informações acima. Declaro também que toda linguagem utilizada na descrição desse estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi resposta para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou o meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar desse estudo.

Assinatura do participante

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante e/ou seu representante autorizado. Tenho bastante clareza que o participante e/ou seu representante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ela compreendeu essa explicação.

Assinatura do pesquisador

Local e data

Assinatura da Testemunha 1

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA

Assinatura da Testemunha 2

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA

ANEXO 4

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS SURDOS
CENTRO SUVAG DE PERNAMBUCO - FACULDADE SANTA HELENA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO
PESQUISA: FIGURAÇÕES CULTURAIS - SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE**

QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES Nº _____

ENSINO FUNDAMENTAL II ()

ENSINO MÉDIO ()

ENSINO UNIVERSITÁRIO ()

01- Sexo: a) masculino () b) feminino ()

02-

03- Idade: _____anos 00 NR ()

04- Você usa LIBRAS ?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

04. Escolaridade?

a) Analfabeto ()

b) b) Fundamental II () concluído () não concluído () cursando ()

c) c) Médio () concluído () não concluído () cursando ()

d) d) Profissionalizante () concluído () não concluído () cursando ()

e) e) Universitário () concluído () não concluído () cursando ()

f) 00 NR ()

05 - Você é filho de:

a) pai surdo () pai ouvinte ()

b) mãe surda () mãe ouvinte ()

99 NS ()

00 NR ()

06- Você já sabe que tem poesias em LIBRAS?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

07 - Você já usa dicionário de LIBRAS ?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

08 - Você já sabe que tem uma faculdade nos Estados Unidos da América (EUA) onde todos os professores e alunos usam Língua de Sinais?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

09 - Qual a primeira língua que você aprendeu:

a) LIBRAS () b) Português () 00 NR ()

10 – Qual idade você começou a usar LIBRAS?

_____anos

11 – Você já sabe Língua de Sinais Americana (ASL)?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

12 – Você já viu DVD em LIBRAS?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

13 – Você já fez teatro em LIBRAS?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

14 – Você já cantou coral em LIBRAS?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

15 – Agora, você tem orgulho de ser surdo?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

16 – Agora, você tem vergonha de ser surdo?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

17– Você é fluente em LIBRAS?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

18– Na sua opinião os surdos tem cultura e língua própria?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

19- Você já leu livros escritos por (próprio) surdo?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

20– Você conhece música feita por (próprio) surdo?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

21– Você sabe que os surdos lutam para que os filmes nacionais sejam legendados?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

22 – Você já viu algum filme sobre surdos?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

23 – Você já viu algum filme ou peça teatral com atores surdos?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

24 - Você já leu livro sobre surdos?

a) Sim () b) Não () 00 NR ()

25- A cultura surda é:

(Você pode marcar X em mais de 02 respostas)

a) sinal de identificação? ()

b) intérprete ()

- c) acender a luz para chamar a atenção ()
- d) despertador que vibra ()
- f) dia Nacional dos Surdos ()
- g) sites em sinais ()
- h) telefones para surdos ()
- i) cinema nacional legendado ()
- j) mesa-redonda ()
- k) secretária eletrônica que vibra ()
- l) outros () Quais? _____
- m) nenhuma das respostas ()
- 99 NS ()
- 00 NR ()